

S. Bento da Várzea

O orago desta freguesia é S. Bento, ainda que primitivamente fosse S. Salvador, que deixou de o ser por na sua Igreja haver uma milagrosa imagem daquele santo, o qual foi tomado por patrono.

Várzea vem de uma campina, onde está situada esta freguesia, nas margens do rio Covo (1).

Houve aqui segundo alguns escritores ⁽²⁾, em tempos afastados uma grande povoação, provavelmente romana.

Em 570, S. Martinho, bispo de Dume, fundou, no sítio pouco mais ou menos onde está a Igreja Paroquial, um mosteiro de monges beneditinos.

No seu princípio este mosteiro era dos chamados *duplex* ⁽³⁾, isto é, de frades e freiras, vivendo separados e resando as horas canónicas na mesma igreja em coros diferentes.

Conservava-se na memória do povo a existência de sepulturas de freiras no adro da actual Igreja Paroquial, o qual antigamente devia ser claustro do convento.

(1) O P.^e António G. Pereira — «Tradições Populares, Linguagem e Toponímia de Barcelos» — pág. 392.

(2) Pinho Leal — «Port. Ant. e Mod.» verbo *Várzea*.

(3) Houve muitos em Portugal ainda mesmo depois que no 2.º concílio de Niceia foram proibidos.

Uma dessas freiras era considerada santa, levando o povo terra da sua sepultura, «*na qual achava remédio para muitas enfermidades*» (1).

Com a invasão dos árabes em 716 ficou este convento completamente abandonado, conservando-se assim durante três séculos, até que em 1110 D. Sueiro Guedes da Várzea, descendente dos de Bayam, o reedificou e povoou de monges beneditinos.

Calisto II em uma bula de 1120 faz menção, entre muitos conventos existentes já naquele ano, deste da Várzea.

Era este convento ainda habitado por religiosos no ano de 1330.

Com o rodar dos tempos, porém, caiu em tal estado de relaxação e pobreza que se extinguiu e ficou reduzido a abadia secular.

Era abade desta freguesia, quando se estabeleceram os Loyos em Vilar de Frades, Vasco Rodrigues, Chantre da Sé de Braga, homem notável no seu tempo. Governador do Arcebispado por várias vezes e a quem chamavam «*o arcebispo pequeno*».

Abandonando Vasco Rodrigues aos 70 anos de idade, todos os seus cargos e dignidades, meteu-se frade em Vilar e renunciou, com beneplácito do arcebispo D. Fernando da Guerra, em 1427 esta abadia naquele convento.

Os frades de Vilar, em virtude do despovoamento da freguesia, por causa das guerras e peste que assolaram o país, a extinguiram e uniram à de S. Jorge de Airó, ficando a Igreja como capela com a sua devota imagem de S. Bento, que pelos seus grandes milagres foi sempre muito visitada.

(1) «*Céu Aberto na Terra*», Livro //, pág.398

Aumentando mais tarde á sua população e importância, os frades a restabeleceram, ficando até 1833 a ser um curato daquele mosteiro, cujo pároco era por ele apresentado.

Desde aquela data em diante é reitoria.

Nas Inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação «De Monasterio de Várzea», nas Terras de Faria, e era couto ao qual pertenciam as de Crujeães, S. Jorge de Airó, S. João de Gamil, Santa Eugenia de Rio Covo, Santa Maria de Moure e Vilar de Frades.

D. João I, por carta de 8 de Novembro de 1401, confirmou o senhorio deste Couto a seu filho bastardo D. Afonso, 8.º conde de Barcelos, entrando assim na casa de Bragança.

A actual *Igreja Paroquial*, baixa mas espaçosa, iluminada por largas janelas, é suficiente às necessidades do culto.

O tecto é em caixotões de madeira de castanho, pintado a cores em que predomina o azul.

A capela-mor, cujo tecto é também pintado, parece que pelo mesmo artista, tem ao centro um escudo com brasão, encimado por um chapéu, e por baixo do escudo a data 1785.

Aos cantos do tecto lêem-se vários versículos da Bíblia. Celebram-se nesta Igreja duas festas importantes e no terreiro junto duas feiras anuais: uma a 21 de Março e outra a 11 de Julho.

São muito antigas estas festas e feiras de S. Bento da Várzea.

D. Pedro II, por Alvará de 25 de Setembro de 1699, concede licença e faculdade de se *continuar* a fazer duas feiras, que de *tempos imemoriais* se efectuavam no sítio da Ermida de S. Bento.

D. João V, pelos Alvarás de 5 de Junho de 1731 e de 20 de Setembro de 1739 e por carta de confirmação deste

último Alvará de 15 de Outubro do mesmo ano, concede a mercê de naquele distrito, junto à Ermida de S. Bento da Várzea, continuar a haver duas feiras francas anuais; uma em 21 de Março e outra em 11 de Julho.

Estas isenções e regalias não foram, porém, sempre guardadas; assim, na feira de 11 de Julho de 1779, o rendeiro Manuel Francisco Machado cobrou o imposto do *real d'água* sobre o vinho atavernado naquela feira, o que lhe *rendeu* ser preso por isso nas cadeias da vila de Barcelos.

Os frades de Vilar em 1782 pediram ao juiz de Fora de Barcelos para tornar público as franquias e regalias concedidas por alguns dos nossos reis àquelas feiras, e este magistrado, acedendo, publicou o edital de 10 de Agosto daquele ano, no qual manda cumprir os Alvarás que as declaram francas, cominando com a pena de prisão as infracções dessas disposições.

D. Maria I, a requerimento do Reitor do Convento de Vilar de Frades, por Provisão de 31 de Agosto de 1787, ordenou ao Provedor da comarca de Viana Foz do Lima que fizesse observar inteiramente o Alvará de 1731 como nele se contém.

Não têm desmerecido da sua antiga importância na actualidade estas duas feiras, realizando-se nelas muitas transacções, principalmente em gado bovino, e as duas romarias continuam a ser muito concorridas de povo devoto daquele santo.

O terreiro a estes actos destinado, em frente à Igreja Paroquial, é muito extenso ainda que pouco largo, mal comportando a gente que aí nesses dias se junta.

Ao lado esquerdo da Igreja está a capelinha, ou antes *nicho*, onde é representada a tentação de S. Bento: contém a imagem do santo em oração, a figura do diabo e a de uma mulher em escultura de tamanho natural.

Em alguns documentos encontro-a com a designação de «Capela dos Túmulos», talvez por ser construída em cima de sepulturas que nesse lugar existiam.

Em uma porta, que está por trás dessa capela, tem como padieira uma pedra com uma inscrição que não soube decifrar, que me dizem ser tampa tumular, e nos tranqueiros, em letra diferente daquela inscrição, tem gravado em um — ANNO e no outro 1735, talvez a data da sua construção.

Entre esta capela e a Igreja existe uma frondosa carvalheira debaixo da qual, na ocasião das romarias, se pesam os devotos em umas balanças de pratos, mediante certa espórtula que constitue rendimento para o santo.

A *Residência Paroquial*, bem construída e espaçosa, está relativamente em bom estado de conservação. Sofreu por cerca de 1850 um incêndio, sendo porém reconstruída poucos anos depois.

Fica situada por trás da Igreja, ligada a esta por um passadiço com um arco sobre o adro.

O *Cemitério* foi construído em 1886 e nele se encontram alguns jazigos de famílias.

Junto a este está o *Cruzeiro Paroquial* em cima de uma alta coluna, cujo capitel folheado ostenta a mitra episcopal.

Em 1220 deu-se no distrito desta freguesia um combate entre tropas Leonesas, comandadas por Martim Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, e as portuguesas comandadas por Mem Gonçalves de Sousa, João Pais da Maia e Gil Vasques da Soverosa.

Martim Sanches, desgostoso, não sei porque motivo, com seu irmão D. Afonso II, retirou-se de Portugal para Leão, onde o rei D. Afonso IX o acolheu amigavelmente e o revestiu de suprema autoridade militar em Galiza.

Rompendo as hostilidades entre D. Afonso II e o Arcebispo de Braga D. Estevão Soares, mandou o rei confiscar os bens patrimoniais que o arcebispo possuía no couto de Evededo, na Galiza.

Sabendo o Infante Martim Sanches da violação do território que lhe tinha sido confiado pelo rei de Leão, pediu ao irmão que reparasse essa afronta.

Este não o atendeu e então ele, reunindo os seus homens de armas, invadiu Portugal pelo Minho.

D. Afonso II com tropas desta província preparou-se para resistir a essa invasão.

Sem haver porém recontro memorável entre os dois exércitos, o rei português foi recuando ante o inimigo até às margens do Ave e só parou em Santo Tirso.

Aí abandonou os seus Ricos Homens e foi-se acolher ao Castelo de Gaia, na margem esquerda do Douro.

Martim Sanches veio até à vila de Barcelos e, sabendo que as forças portuguesas, comandadas por aqueles capitães, estavam acampadas a uma légua de distância, marchou contra elas.

Travou-se o combate *junto ao Mosteiro da Várzea* (1) ou *a par da Várzea* (2) segundo autorizados escritores.

Não se pode determinar bem o sítio onde se deu esta contenda.

Não há nome de lugar ou campo que indique precisamente o local do combate.

Pela topografia do terreno a colisão dos dois exércitos devia dar-se nas margens do rio Covo e continuar o combate junto do mosteiro.

(1) Alexandre Herculano — *Hist. de Port.* vol. 4.º pág. 124. (2) *Livro de Linhagens* — *Port. Mon. Hist. Scriptores*.

Praticaram-se então verdadeiros actos de valor de parte a parte.

João Pais da Maia, com uma lança na mão derrubou sete cavaleiros de Galiza, mas, não obstante este e outros feitos heróicos, os portugueses tiveram de ceder o campo ao inimigo e retirar-se para Braga.

Gil Vasques da Soverosa era um dos que cobria a retirada quando foi atacado por seu enteado (1) o Infante Martim Sanches, que o desarmou e aprisionou, exclamando: «Já, padre, já, cá assaz lidaste», e em seguida deu-lhe generosamente a liberdade.

As nossas tropas, desbaratadas também em Braga, foram refugiar-se no Castelo de Guimarães até à paz em breve feita com Leão.

Esta freguesia de S. Bento da Várzea, confronta pelo sul com Crujeães, sua anexa, pelo poente com Midões, pelo norte com Gamil e Santa Eugenia de Rio Covo e pelo nascente com Adães e Airó.

Terra fértil, é atravessada, como dissemos, pelo rio Covo, que a banha e irriga parte dos seus campos.

Tem as seguintes fontes públicas: Bouça, Assento, a do Paraíso, notável pela pureza das suas águas, e, junto à ponte, na margem esquerda do rio, existe um chafariz, deitando água por duas bicas que saem da boca de duas carrancas, cujas toscas esculturas parecem as caras de dois frades bernardos. Tem por cima ao centro uma mitra e é rematado por ameias com uma cruz ao meio.

Vê-se ainda hoje sem água, em frente à Residência Paroquial, outro chafariz de uma só bica também com cara humana por cuja boca deitava a água, terminado

(1) *Gil Vasques, casara, depois da morte de D. Sancho I, com D. Maria Ayres de Fornelos, mãe daquele Infante.*

por uma rosácea com uma mitra no centro. Deste passava a água para um lavabo dentro da sacristia da Igreja e daí para fora onde caía pela boca da figura do sol em outro tanque.

Daqui seguia para outra pequena fonte na frente da capela dos Túmulos, indo fertilizar os sobejos dessas águas os campos subjacentes.

São fáceis os meios de comunicação nesta freguesia: ao poente passa a Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos, com um ramal que dá acesso à Igreja Paroquial, e ao norte a Estrada Distrital de Esposende a Braga.

É servida pela Estação dos Caminhos de Ferro de S. Bento, hoje Midões, que fica próximo.

Tem caixa do correio e teve uma Escola para o sexo masculino que deixou de funcionar há anos por falta de edifício!

Não é dos menos industriais, pois nela existem duas fábricas de destilação, uma de serração e tem alfaiates, sapateiros, ferreiros, criveiros, peneireiros, pedreiros, etc.

Tem dois estabelecimentos de mercearia.

A sua população em 1527 era de 14 moradores (fogos), em 1751 era de 27 fogos, no século XIX 343 habitantes e pelo último censo da população era, compreendendo a anexa de Crujeães, de 528 habitantes, sendo 240 do sexo masculino e 288 do sexo feminino, sabendo ler 64 homens e 23 mulheres, concorrendo pois com 441 para a classe dos analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares : Portela, Assento, Cruzeiro, Bouça de Além, Carvalhal, Montinho, Monte, Gandra, Fornos, Ponteio, Carcavide, Perrêlo, Crujeães, Vila Boa, Casal Ermo e Matinho.

As casas mais importantes são: Casa do Montinho, Casa do Cirurgião, na qual se vê por cima da porta de

entrada a data 1756, Casa do Carvalhal, Casa do Cruzeiro, Casa da Portela, etc.

Dos homens mais ilustres que nasceram ou viveram nesta freguesia, poderemos destacar: *D. Sueiro Guedes da Várzea*, restaurador do seu mosteiro; *Nano Sueiro Velho*, sepultado em Santa Maria de Carvoeiro que «*comprou o quarto mosteiro da Várzea*» (1), e a quem o Conde D. Pedro chama o *Prostimeiro*, em diferença do primeiro que foi seu avô.

E este neto é o que por querer mostrar a seu filho D. Pedro Velho que Simão Nunes de Curutelo, com quem andava brigando em desafio, trazia um olho descoberto por onde o buscasse com a espada, carregou tanto no seu que o lançou fora.

Em verdade se diga que não sei se esta criatura nasceu ou viveu nesta freguesia, mas a ela anda ligada pela compra que fez.

No século XVIII, nasceu nesta freguesia e foi pároco na de Crujeães, o *P.^e João Barbosa Pereira*, autor de um curioso livro manuscrito de genealogias de sua família e de outras a ela ligadas.

No século XIX aqui viveu *Francisco de Sousa Caravana*, afamado cirurgião pela antiga Escola do Porto, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Bemfeitor da Misericórdia de Barcelos. Há um provérbio referente a certas famílias desta freguesia que é o seguinte:

«Se fores a S. Bento
Livra-te das quatro gerações
Fernandes e Morenos
Cardeiras e Simões».

(1) *Era este um Mosteiro de Herdeiros, como quase todos os que se fundaram no século XI. O fundador mandava construir casas*

O povo é terrível na mordacidade dos seus dizeres, mas nem sempre a voz do povo é.... a expressão da verdade.

A bondade ou a maldade não é apanágio de determinadas famílias; aqui, como em toda a parte, há bons misturados com maus e a separação de uns dos outros far-se-há no dia de juízo final, como é crença geral da cristandade, e nesse Tribunal solene não me acrescente Deus à conta dos meus pecados a grande *estopada* que acabo de dar aos leitores, se acaso tiver algum.

ou aposentos, junto à Igreja onde vivia com sua família, continuando assim seus sucessores com a obrigação de dar esmolas e pousada aos peregrinos e frades que habitavam esse convento.